



HERDEIROS DO PORVIR

Ano XXIII – Nº 44
Jan./Fev./Mar. 2016
Distribuição gratuita



A Princesa, Dom Bosco e
a libertação dos escravos



Presságio de novos tempos?

GUILHERME DE FARIA NICASTRO

No ano em que, pela primeira vez, o Chefe da Casa Imperial do Brasil dirigiu a todos os brasileiros *Mensagem de Natal* através de vídeo amplamente publicado nas redes sociais, a Presidente da República, Dilma Rousseff, vergonhosamente se omite sobre a magna data.

Envolvida numa série de escândalos de corrupção, tentando interferir num Congresso ingovernável no qual é minoria, tendo contra si parlamentares pedindo seu *impeachment*, responsabilizada pessoalmente pela pior crise econômica e política das últimas décadas, humilhada quando aparece em público ou vítima dos famosos “panelaços” com repercussão internacional, para vergonha dos brasileiros a Presidente se limitou a uma nota escrita, ao invés do tradicional pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão. Descartou até vídeos como os de maio e setembro, com o intuito de não desgastar

o já praticamente inexistente apoio a seu governo.

Dilma certamente não podia iniciar o pronunciamento deste ano como o fez em 2013, quando afirmou que “*o Brasil termina o ano melhor do que começou*”, pois o estratagemma usado por seu governo para criar tal cenário ruiu, evidenciando o tamanho do desgaste moral e material trazidos ao país durante a “*década PT*”. Sem ter o que dizer na mais simbólica data para a maioria das famílias brasileiras, as quais passam por necessidades e privações decorrentes da atual derrocada econômica, a Presidente, como é típico em governos republicanos, deixaria o povo órfão, não fosse a figura do verdadeiro representante da nação, D. Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil.

O clipe de Natal de D. Luiz despertou a esperança de tempos melhores para o país, sempre por meio da ajuda da Divina Providência. O fato de o pronunciamento estar em vídeo impulsionou a Mensagem, alcançando a página oficial da Casa Imperial centenas de milhares de brasileiros, todos sedentos não apenas de mudanças, mas sim de uma restauração da moral na vida pública, que só pode advir de autêntica

restauração monárquica. A mensagem de D. Luiz, em contraposição à omissão da Presidente, pode significar novos tempos por vir...

A seguir a íntegra da Mensagem: “*Aos nossos muito caros brasileiros: nosso querido Brasil, neste ano, passou por inúmeras adversidades, desde crises econômicas violentas e injustificáveis, escândalos de corrupção da maior gravidade, e até no plano natural, desastres como a barragem em Mariana. Devemos reconhecer que a maior parte dessas crises reflete a grave crise moral que permeia nossas instituições e nossa sociedade. Quando os Anjos do Céu entoarem mais uma vez seu cântico pedindo a Glória de Deus no mais alto dos céus, e a Paz na Terra aos homens de boa vontade, aos pés do Menino rogo a Maria Santíssima, sob a invocação de Nossa Senhora Aparecida, que tenha pena do Brasil, que nos ilumine em 2016 para seguirmos o caminho certo e justo. Que a esperança, a suavidade e a fortaleza que caracterizam a Sagrada Família em todos os momentos encontrem lugar em cada coração. São meus sinceros votos de um Santo Natal e um Próspero Ano Novo para todos os Brasileiros!*”



D. Luiz e seu irmão D. Bertrand receberam na sede da Pró Monarquia, em 25 de novembro, um amigo de longa data da Família Imperial, Prof. Bernard Barrandon, ex-Chanceler do Consulado de Mônaco em São Paulo. Conversaram sobre temas atinentes à Casa Imperial brasileira, assim como sobre a crise moral, política e econômica que vivenciamos. É tradição na Casa Imperial receber não só veteranos monarquistas, como também jovens idealistas que despontam por toda parte de nosso território.

HERDEIROS DO PORVIR

Publicação da Pró Monarquia,
entidade civil sem fins lucrativos.
Rua Itápolis, 873 – CEP 01245-000 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3822-4764
www.monarquia.org.br – e-mail: herdeirosdoporvir@monarquia.org.br

Diretor Responsável: Osvaldo Rocco
Jornalista Responsável: Yone P. Caldeira (MTB 17354)
Redator Chefe: Geraldo Hélon Winter
Diagramação: Luis Guillermo Arroyave
Impressão: Grafilar – Gráfica e Editora do Lar Anália Franco

Em 11 de janeiro, durante o habitual jantar das segundas-feiras na sede da Pró Monarquia, D. Luiz e D. Bertrand foram presenteados com um magnífico bolo em comemoração ao Dia de Reis, celebrado na quarta-feira anterior, dia 6. O presente foi oferecido pelo casal de monarquistas Marcos e Alexandra Balthazar. Enriqueceram o bolo dezenas de “bem-nascidos”, caprichosamente envoltos em papel dourado, para lembrar o nascimento do Menino Jesus.





D. Bertrand de Orleans e Bragança



A cidade de Pindamonhangaba (SP) recebeu, em 10 de dezembro, a visita de D. Bertrand para a 4ª Reunião Extraordinária do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Cultural, Ambiental e Arquitetônico da cidade. O evento teve como pauta “O Bosque para uma Princesa”, parque construído em homenagem à Princesa Isabel, consistindo em breves exposições de vários convidados, entre os quais o Príncipe Imperial, que falou da Princesa como Chefe de Estado e discorreu sobre a trajetória da monarquia no Brasil, enfatizando a importância de eventos como aquele para reavivar o gosto pela história da cidade e do Brasil.

No dia 7 de dezembro D. Bertrand participou de uma conversa transmitida ao vivo pela Radio Vox, de São Paulo, bem como pela Internet, com o Prof. Hermes Rodrigues Nery e o maestro Dante Mantovani, apresentador da rádio. Os participantes falaram de distintos lugares, com imagens ao vivo para os internautas. Perguntado sobre a conjuntura atual brasileira, o Príncipe disse que, para compreendê-la, é preciso considerar que não vivemos uma crise apenas política, econômica ou social, mas fundamentalmente uma crise moral e religiosa. *“Abandonamos uma concepção cristã da sociedade e adotamos outra laica, onde se abstrai da figura de Deus. O resultado é o caos atual”*, disse D. Bertrand.



Acompanhado por seu amigo Eng. Adolpho Lindenberg e sua esposa Analúisa de Arruda Botelho, D. Bertrand compareceu, em evento de fim de ano, ao jantar dos diretores do Instituto Mises Brasil com os Gold Associated Partners, realizado na casa do fundador da entidade, Dr. Hélio Beltrão. O Instituto Ludwig von Mises Brasil é uma organização sem fins lucrativos voltada à produção e à disseminação de estudos econômicos e de ciências sociais que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre, ideais compartilhados pelo Príncipe que, entre outros, dirigiu algumas palavras aos presentes.



Foi comemorado com solene jantar, no tradicional restaurante La Casserole, em São Paulo, no dia 2 de fevereiro, o 75º aniversário de D. Bertrand. Setenta convidados estiveram presentes, entre os quais o primo do aniversariante, Príncipe D. Casimiro de Bourbon-Sicília e sua esposa, Princesa D. Maria Cristina de Savoia; o sobrinho D. Gabriel de Orleans e Bragança; o colega de formatura na Faculdade de Direito da USP e Ministro do STM, Flávio Flores da Cunha Bierrenbach e esposa;

o Comandante do Oitavo Distrito Naval, Vice-Almirante Glauco Castilho Dall'Antonia e esposa; o Presidente da Fédération Pro Europa Christiana, Dr. Caio Xavier da Silveira; a Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Dra. Nelly Martins Ferreira Candeias, entre outros. D. Bertrand foi saudado por outro colega da Faculdade, Dr. Frederico Straube, que recordou as lutas acadêmicas travadas nos conturbados anos 60 pela “turma do Príncipe”. No final o aniversariante discursou agradecendo as homenagens e afirmou que aquela não era uma reunião de saudosistas, mas de pessoas com esperança e certeza da vitória monárquica sobre a trágica república.

No dia 6 de fevereiro, sábado de carnaval, D. Bertrand presidiu a mesa de honra que deu início aos trabalhos do

XVI Simpósio de Estudos e Ação Contra-Revolucionária, promovido pelo Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), no Hotel Tryp Higienópolis, na cidade de São Paulo. Havia numeroso público universitário, formado principalmente por jovens, a maioria monarquista.



Tais simpósios visam à dar formação histórica, cultural, moral, religiosa e política, segundo as verdades da fé católica. Acompanharam o Príncipe na abertura o Eng. Adolpho Lindenberg e o Padre Sávio Fernandes, de Anápolis (GO).

Realizou-se nos dias 17, 18 e 19 de fevereiro, em Sorocaba (SP), o Colóquio Comemorativo do Bicentenário do Visconde de Porto Seguro. Francisco Adolpho de Varnhagen (1816-1878), primeiro barão e primeiro visconde com grandeza de Porto Seguro, foi diplomata, engenheiro, historiador emérito, geógrafo, poeta e biógrafo, considerado o primeiro grande historiador brasileiro, nascido em Iperó (SP), na região metropolitana de Sorocaba. No dia 18 a Comissão de Agraciamento outorgou a D. Bertrand o “Colar Visconde de Porto Seguro”. Em discurso em praça pública o Príncipe afirmou que os estudos de Varnhagen e as pesquisas acuradas que desenvolveu em arquivos de diversos países foram de grande ajuda para o Barão do Rio Branco, quando este desenvolveu seu trabalho para resolver as questões de limites do Brasil com seus vizinhos.



A Princesa, Dom Bosco e a libertação dos escravos

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Em 2015 foi comemorado em todo o mundo o segundo centenário do nascimento de Dom Bosco. “Dom” é o tratamento corrente usado na Itália para os sacerdotes, os anciãos e outras pessoas dignas de especial respeito. Vem do latim “dominus”, que significa senhor. Mesmo depois de canonizado São João Bosco, os membros da Congregação Salesiana, que ele fundou, continuam a se referir a ele, carinhosamente, como “Dom Bosco”, da mesma forma como o chamavam enquanto estava vivo.

Nascido em Turim, em 1815, e falecido na mesma cidade em 1888, Dom Bosco foi um verdadeiro amigo da juventude, à qual consagrou o melhor de sua longa e fecunda existência. Dotado de carismas extraordinários, desenvolveu um sistema pedagógico inovador e conseguiu reunir em torno de si um prodigioso movimento de apostolado. Tinha frequentes sonhos de caráter sobrenatural, nos quais recebia luzes sobre o estado de alma de seus alunos e sobre acontecimentos do seu tempo e futuros. Embora sem recursos econômicos, com força de vontade e, sobretudo, com uma inabalável confiança em Maria Auxiliadora, conseguiu executar projetos apostólicos grandiosos em várias nações. Fundou duas congregações religiosas e um grande número de colégios, para a educação de meninos pobres. Foi precursor do ensino profissionalizante, modelo que depois se generalizou em vários países.

No início do século XIX, o processo de industrialização da Europa atraía para os maiores centros urbanos muitas famílias provenientes do meio rural. Ali, desenraizadas e sem formação religiosa e cultural adequada, viviam em condições precárias. Os homens trabalhavam em fábricas, com turnos de trabalho pesadíssimos, e muitas vezes gastavam em bebidas, nas tabernas, boa parte do que ganhavam. As mulheres cuidavam como podiam das casas e dos filhos menores, enquanto os mais crescidos, sem escolas nem formação moral, andavam pelas ruas, aprendendo o que não deviam. O resultado é que assim se constituía o caldo de cultura ideal para desajustes sociais e vícios de todos os tipos. A criminalidade era crescente e tendia a escapar ao controle das autoridades.

Esse o quadro geral das cidades maiores e mais industrializadas. Em Turim, capital do Reino do Piemonte, no Norte da Itália, era o que presenciava o jovem sacerdote João Bosco. As ruas viviam cheias de meninos de rua, abandonados e entregues ao léu. Para esses meninos, que no dialeto piemontês eram designados como “birichini”, Dom Bosco passou a proporcionar boa formação religiosa, cultural e profissionalizante. Reunia-os em grandes concentrações, denominadas “oratórios”, e ali lhes ministrava aulas de formação, ao mesmo tempo que jogos e diversões. Daqueles candidatos a futuros marginais, conseguia extrair todo o potencial humano que possuíam. Deles fazia ótimos pais de família, trabalhadores honestos e eficientes e encaminhava os



mais dotados para os estudos superiores e as profissões liberais. Entre eles, também recrutava seminaristas e futuros sacerdotes.

A obra de Dom Bosco começou modesta e foi, pouco a pouco, crescendo e assumindo vulto grandioso. Sofreu perseguições políticas, teve em seu encalço invejosos, mas a tudo venceu. Os últimos anos de sua vida foram cercados de respeito e consideração gerais, pois sua fama havia ultrapassado muito os limites do Piemonte. Embora visasse, acima de tudo, o trabalho apostólico de formação da juventude, acabou exercendo enorme influência na vida social e política da época e chegou a ser conselheiro de reis, de homens públicos e de Papas.

Foi apóstolo da boa imprensa, não somente escrevendo mais de 140 livros e opúsculos, mas chegando a constituir uma editora pujante e até a fundar uma fábrica de papel. Seus livros – em geral escritos com vistas à formação da juventude – atingiam tiragens espantosas, mesmo para os padrões de hoje. A fama de Dom Bosco chegou ao Brasil, onde reinava D. Pedro II e onde a Princesa Isabel, herdeira do trono, defrontava-se com um sério problema. Ela estava determinada a abolir a escravidão, mas preocupava-se com o futuro dos escravos, depois de libertos. Temia que, abandonados pelos antigos senhores, vivessem sem eira nem beira, em condições precárias, formalmente livres, mas de fato presos a um sistema que lhes impedisse o acesso a condições melhores de existência.

A Princesa tinha uma visão muito lúcida desse problema. Compreendeu que somente a formação profissionalizante, novidade que Dom Bosco havia lançado no Norte da Itália, poderia ser adequada para assegurar, aos libertos do cativeiro, uma adequada inserção na sociedade brasileira. E escreveu a Dom Bosco, pedindo que mandasse missionários para o Brasil e oferecendo-se para ajudar. Houve uma troca de cartas entre o santo italiano e a princesa brasileira. E efetivamente, em 1881, chegaram ao Brasil os primeiros missionários salesianos, instalando-se em Niterói, em terreno conseguido pela herdeira do Trono.

Tinha assim início a grandiosa obra educadora e missionária dos filhos espirituais de Dom Bosco no Brasil.

Infelizmente, a proclamação da República impediu a Princesa Isabel de realizar os grandiosos projetos que tinha concebido para seu reinado, no Brasil. A Lei Áurea não teve o desenvolvimento natural, que seria a integração dos ex-escravos na sociedade brasileira, na posição de dignidade a que faziam jus. A realização plena da obra redentora da Princesa foi abortada no fatídico dia 15 de novembro de 1889.



São João Bosco tinha especial afeição aos monarcas brasileiros



Todo ano João Apaulino, descendente de escravos, dirige-se à catedral de Petrópolis para homenagear a Princesa Isabel



Culto à Princesa Isabel já era comum entre os negros desde o final do século XIX

Uma das cartas de São João Bosco à Princesa Isabel

Turim, 25 de março de 1886

Alteza Imperial

A Divina Providência dispôs que se abrissem duas casas Salesianas no império do Brasil: uma em Niterói, e outra em São Paulo, ambas consagradas a acolher meninos pobres e abandonados.

Alguns dos nossos religiosos que aí trabalham e vieram por algumas semanas à Itália me falaram muito da bondade e da caridade de Vossa Alteza Imperial, e por isso me creio no dever de lhe apresentar os meus agradecimentos e recomendar a V. A., e a Sua Majestade o Imperador, todos os Salesianos, que não desejam outra coisa senão salvar almas para o Céu e diminuir na terra o número dos díscolos. Eles rezam e recomendam a seus meninos que rezem pela saúde e bem-estar de V. A., de Sua Majestade e toda a Família Imperial.

Maria Santíssima proteja a toda a dinastia, pela qual todos os nossos meninos rezam.

Quanto a mim, tenho como dever invocar todos os dias na Santa Missa as bênçãos celestes sobre todos os súditos brasileiros.

E tenho também a alta honra de me professar humildemente

*Alto e devoto
servo
San. João Bosco*

Carta publicada em Biografia y escritos de San Juan Bosco, do Pe. Rodolfo Fierro S.D.B. (BAC, Madri, 1955).

Prudência republicana, previdência monárquica

JACINTO FLECHA

Dois turistas em país de governo monárquico aguardaram e aplaudiram de pé, junto com um público seleta, a entrada da rainha e uma convidada de honra, ambas em trajes de gala. Quando todos se sentaram, um perguntou ao outro:

— Qual das duas é a rainha?

— A da direita, você não percebeu?

— Não percebi nada especial. Você pode me explicar?

— A da esquerda olhou se a cadeira estava no lugar, antes de sentar; e a rainha se sentou sem preocupação com a cadeira.

— Mas não entendo onde está a importância disso.

— A rainha educa bem seus servidores, e sabia que a cadeira estava lá.

Outro cenário. Em 1908, a atriz francesa Sarah Bernhardt fez uma *tournee* pela América do Sul. Na capital de um país que anos antes degradingolara da monarquia para a república, representava no palco uma peça em que devia saltar do alto de um muro para o chão. Mas esqueceu que aquela era uma república sul-americana, saltou... e o colchão não estava onde deveria estar. Com a perna fraturada, a apresentação da peça e a *tournee* foram interrompidas. Sarah compreendeu muito tarde essa nova realidade, mas daí em diante recusou até o atendimento de médicos do Rio de Janeiro.

Na primeira cena, quando a convidada conferiu se havia segurança para mudar de posição, demonstrou *prudência* – virtude que nos leva a avaliar as condições e os riscos atuais, próximos. A *previdência* tem alcance mais longo, é muito praticada nas famílias e nos governos monárquicos. Demonstrou-a a rainha, preparando servidores para os movimentos da cerimônia. À atriz faltou *prudência*, pois os servidores eram desconhecidos. Sua perna teve de ser amputada sete anos depois.

Acredito que a imprevidência dos governos republicanos, com sua visão de curto alcance, seja a principal desvantagem em

relação ao governo monárquico. Voltado para empreendimentos de longo alcance e objetivos duradouros, o monarca beneficia a população por muitos séculos, mesmo se a intenção original é beneficiar a própria família. É tão grande a interpenetração do interesse público com o interesse privado, que não se distingue onde termina um e onde começa o outro.

Os governos monárquicos são de índole familiar, estruturados ao longo das gerações, daí terem muito melhores condições



para implantar projetos de longa duração. Começam a executá-los, mas muitas vezes não os concluem, legando aos descendentes essa tarefa e os seus benefícios. Nas atividades humanas, nada é perfeito, portanto está bem longe da minha intenção atribuir só virtudes a uma forma de governo e só erros a outras. Mas o fato concreto é que a monarquia sempre aproveitou a experiência do passado para dar rumo definido e coerente ao futuro. Uma realidade histórica amplamente reconhecida, sintetizada neste aforismo: *O monarca pensa na próxima geração; o presidente, na próxima eleição.*

Algo semelhante existe na vida dos animais irracionais. As atividades de curto prazo – republicanas, digamos – são voltadas principalmente para alimentação e autodefesa: seguem o trajeto mais adequado para agarrar a presa; memorizam o caminho entre dois pontos conhecidos etc. Exercem também atividades de longo prazo, geralmente destinadas à perpetuação da espécie: armazenam os alimentos necessários para o próximo inverno; conhecem o rumo e o momento adequado para migrar a outro continente; constroem os ninhos onde cuidarão dos filhotes; mantêm a

colmeia, com sua rainha e um batalhão de operários eficientes. Não se trata de prudência ou previdência, virtudes racionais impossíveis nos animais irracionais. São instintos, e eles nunca discutem suas obrigações, simplesmente fazem o que precisa ser feito. Não precisam que um ditador esquerdista os obrigue a isso.

O imediatismo republicano causa muitos males, muita dispersão de recursos, gastos muito além das possibilidades. Ignora assim a previdência, que as famílias

ensinam na vida diária e os governos monárquicos sabem aplicar. Tudo indica, no entanto, estar fora de cogitação restaurar a monarquia, com seus grandiosos projetos de longo alcance, daí eu ter pensado em promover uma reciclagem dos políticos republicanos. Como? Exigindo deles

um estágio bem prolongado (pelo período de um mandato, no mínimo) no reino animal, a fim de aprender coisas de longo prazo, esquecer imediatismos e paliativos, adaptar os gastos ao dinheiro disponível.

Não proponho nenhum absurdo, afinal já existe a *Biônica* para estudar os seres vivos e aplicar esses conhecimentos na eletrônica e na engenharia. Fariamos o mesmo com o estudo da vida animal, *in loco* e ao vivo. O objetivo seria implantar na cabeça de políticos republicanos (dentro delas – esqueça os cabelos) as ideias que conduzem a projetos importantes, de longo prazo e de grande alcance. Daríamos a essa espécie de evolução reversa o nome *Darwinica*, uma homenagem cheia de insinuações.

Minha primeira impressão era que esse convívio com outros animais ampliaria o descortino republicano... exceto se os outros animais estivessem com a ideia fixa e imediatista da próxima refeição. Mas o que me levou a desistir do projeto foi uma consideração de ordem prática: imaginem se os outros animais resolvessem aprender os maus costumes desse pessoal, ao invés de aplicar ou ensinar o que sabem fazer.

O Conde, o menino e o lápis de cor



OSVALDO ROCCO



Desde tenra idade tive verdadeira fascinação pelos lápis de cor. Quando entrei no jardim de infância, nunca vou me esquecer, constava na lista de material escolar uma caixa contendo doze. Para minha surpresa, veio até o branco, que na verdade não sabia para que servia, pois o papel já era branco...

Começadas as “aulas”, oh! dor, precisava fazer uso deles para pintar ou criar desenhos. E a coragem de utilizá-los? Pois sabia que logo iam se acabar. Minha tendência era, pois, a de conservá-los. Via colegas desalmados apontando-os sofregamente (fazia também parte da lista o famigerado apontador!), transformando-os logo em toquinhos que somente pequeninas mãos conseguiam ainda manusear.

Apesar da economia, os meus também iam se desgastando e, ao voltarem para a caixa no final do dia, a ordem não era mais a da policromia, sempre bem escolhida pelos fabricantes, mas de acordo com os tamanhos. Como num pelotão de soldados, o branco, sempre maior, vinha em primeiro lugar, pois “não servia para nada”. Em seguida apareciam o rosa, o amarelo, o ocre, o marrom, o azul claro, o verde claro etc., terminando com os sérios candidatos a toquinho, o vermelho e o verde escuro.

Com o passar dos anos, as caixas de lápis coloridos foram ficando cada vez mais sofisticadas e sortidas, e agora, um pouco mais maduro, comecei a imaginar um mundo em que cada pessoa, segundo sua personalidade, fosse representada por um lápis de cor. Como Deus é o criador das infinitas tonalidades, a humanidade poderia ser representada por uma infundável quantidade de lápis, uns mais bonitos do que os outros.

No meu universo de contos de fadas imaginava também quão magnífico seria se existisse um reino que produzisse lápis de cor



em quantidade e os espalhasse por toda parte, como que para saciar a fome do maravilhoso das pessoas. Estaríamos vivendo quase numa antecâmara do Paraíso... Mas não é que este “reino” existe, e o Brasil faz parte dele?

* * *

Todas estas considerações me vieram à mente ao tomar conhecimento da morte do conde alemão Anton-Wolfgang von Faber-Castell, dirigente da Faber-Castell, a maior indústria de lápis do mundo. O conde, nascido em Bamberg, na Baviera (sul da Alemanha), era advogado e comandou a empresa por 40 anos. Como num reinado, o conde Anton-Wolfgang, morto aos 72 anos,



* * *

A revolução tecnológica, com suas armas diabólicas, tenta destruir meus exércitos de lápis de cor para deixar o universo cada vez mais acromico. Mas enquanto houver a reposição dos meus soldados, dificilmente o belo perderá a guerra. Espero que a nona geração Faber-Castell continue contribuindo para isso.

era membro da oitava geração da família fundadora, e deixou esposa e quatro filhos. Sob sua liderança, a Faber-Castell avançou internacionalmente como uma marca *premium*. Segundo o site da empresa, “até os últimos momentos, seu trabalho e sua paixão foram direcionados para a sua família, a empresa e seus funcionários”, exatamente como deve agir um bom soberano.

A empresa foi constituída pela família Faber em 1761 em Stein, nas cercanias de Nürenberg, e é considerada uma das mais antigas do mundo. Hoje suas unidades (províncias?) espalhadas pelo globo empregam 7.500 pessoas, sendo 2.700 somente no Brasil, onde se encontra a maior fábrica, na cidade de São Carlos (SP). Aqui são confeccionados 1,5 bilhão de lápis de cor anualmente, carro chefe da empresa até hoje, os quais são exportados para 70 países. A Faber-Castell está presente no Brasil desde 1930.

Como todo reinado bem conduzido, os Faber-Castell vêm se sucedendo na direção da empresa ao longo de mais de dois séculos e meio, e nunca deixaram de se modernizar. Produzem atualmente ampla gama de material de escritório e são famosos pela qualidade de seus produtos. O grupo espera um faturamento de 600 milhões de euros em 2016. Alguém pode imaginar o que aconteceria com a empresa se fosse estatizada ou resolvessem “republicanizá-la”, convocando eleições para que algum sindicalista a dirigisse nos próximos quatro anos?



JOSÉ GUILHERME BECCARI

Coisas da República...



Vergonha nacional – Dentre as várias mazelas trazidas pela República, talvez nenhuma seja pior, do ponto de vista material, do que a corrupção, pois afeta diretamente o bem que deveria ser protegido pelo Estado: “a coisa pública”. Na época do Império, D. Pedro II era o grande fiscalizador da moralidade pública, como destacou o escritor Monteiro Lobato. Alguém se arrisca a dizer quem é hoje o guardião da moralidade e dos bens da nação? Os dirigentes máximos da nação que alegam “desconhecer” esquemas como o *petrolão* e o *mensalão* que financiaram suas campanhas e distribuíram benesses aos altos dirigentes de seus partidos? Os políticos que presidem e compõem a Câmara e o Senado, inúmeros acusados de graves desvios de dinheiro público? E o que dizer de dezenas de administradores (conselheiros ou diretores) de estatais mencionados em delações premiadas como ligados de alguma forma a atos de corrupção? Nada menos do que vinte ministros de Dilma estão sendo investigados pela Polícia Federal. Cotidianamente o brasileiro acorda perguntando-se qual o escândalo do dia. Haveria até o risco de nos habituarmos a tanta tragédia. Mas, por enquanto, isso parece distante, pois nossa República arruma maneiras de sempre se superar...

Nova derrota – O Brasil tem tido problemas com o número 7. Depois dos 7x1 da Copa, agora caímos 7 posições na lista internacional de percepção da corrupção. Dos 168 países pesquisados pela organização Transparência Internacional, fomos o que mais despencou, ocupando agora o 76.º lugar. No topo da lista estão monarquias como Dinamarca, Suécia, Nova Zelândia, Noruega e Canadá. Na rabeira vêm alguns países africanos e a Coreia do Norte. O relatório da Transparência afirma que quanto mais independentes os Poderes, sobretudo o Judiciário, menor a corrupção, e que “pontuação baixa é sinal da prevalência de subornos, impunidade da corrupção e instituições públicas que não atendem às necessidades dos cidadãos”. E define a grande corrupção como “o abuso do poder ao mais alto nível para beneficiar uns poucos à custa de muitos, causando graves e generalizados danos aos cidadãos individuais e às sociedades. A grande corrupção, frequentemente, fica impune”. Diante destas considerações da Transparência e do extremado grau de deterioração da moralidade pública brasileira, será que ela não foi boazinha conosco, livrando-nos de um 7+7?

Coiote Kaiowá – No vale tudo instalado no país pela República brasileira, infelizmente a corrupção se infiltrou nas

mais variadas instituições. Em Mato Grosso do Sul, os donos de uma financeira “importavam” índios do Paraguai para receberem benefícios sociais iguais aos dos brasileiros. Os criminosos ficavam evidentemente com o lucro. A Polícia Federal, que apelidou a operação de Coiote Kaiowá, descobriu que a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) estava envolvida, registrando índios paraguaios como brasileiros. Os prejuízos para o INSS nesta fraude ultrapassam R\$ 4 milhões. Em outra operação nos Estados do Maranhão e Piauí, a PF descobriu esquema que fraudava benefícios de Amparo Social ao Idoso, cujos titulares eram fantasmas. Estavam comprometidos funcionários do INSS, do Banco do Brasil, da CEF e dos Correios. Ativa desde 2010, a quadrilha desviou mais de R\$ 11 milhões do erário. Estas duas pequenas amostragens deixam claro que não adianta o governo obrigar o contribuinte a colocar mais água na caixa. O que deve fazer é tapar os milhares de furos que nela existem, alguns do tamanho de um “petrolão”.

Convocando o além – A saúde brasileira anda realmente pela hora da morte. Uma moradora da cidade de Alvorada (RS), de 67 anos, solicitou uma consulta médica no Sistema Único de Saúde (SUS) em 2000 e foi chamada só em 2015, quando já havia falecido. A doente sofria de febre reumática, praticamente não andava, e foi obrigada a procurar atendimento particular, tendo em vista a grande demora em ser atendida. Recuperada, voltou a adoecer alguns anos depois, agora devido a uma pancreatite, a qual em poucos dias levou-a à morte. Para os parentes da falecida, a carta recebida, próxima do Natal, soou como um deboche. Mas é assim que os governos republicanos e corruptos tratam seus cidadãos. Os políticos de Brasília viajam a São Paulo para tratar-se nos mais caros hospitais – com tudo pago pelo contribuinte, é lógico –, enquanto o resto da população é humilhada na maioria dos hospitais públicos, onde faltam leitos, médicos, enfermeiros e até medicação básica. Diante deste quadro, o Ministério da Saúde adverte: o SUS faz mal à saúde.



Microcefalia política – Continuando na área da saúde, não há doença que explique melhor o retardamento mental da classe política brasileira do que o Zica vírus. Parece que a enfermidade atacou Brasília de modo irreversível. Vejamos esta do Ministro da Saúde, Marcelo Castro: “Não vamos dar vacina para Zica para 200 milhões de brasileiros. Nós vamos dar para as pessoas em período fértil. E vamos torcer para que as pessoas, antes de entrar no período fértil, peguem a zika para elas ficarem imunizadas pelo próprio mosquito. Ai não precisa da vacina”. Zica imunizando zica é o fim da picada... Ressalte-se o teor microcéfalo das declarações. É páreo duro para outras famosas, como a saudação da mandioca.